

Novo conflito indígena explode no Mato Grosso

GUILHERME FILHO
Correspondente

Culabá - Os índios Cinta-Larga, com terras situadas no norte mato-grossense, na região de Aripuanã, podem entrar em conflito com os brancos a qualquer momento, adverte o centro de Documentação Terra e Índio (CDTI), em documento divulgado semana passada. A causa, segundo a entidade, é a presença de trabalhadores na construção de uma usina de bulbo (tecnologia francesa para aproveitamento de pequenas quedas d'água) pela empresa Mape - subsidiária da Constran, contratada pelos Centrais Elétricas Mato-grossenses S/A (Cemat).

O local escolhido para implantação da usina, conforme informações de Itamar Dias, diretor de engenharia e construção da Cemat, foi as cabeceiras do rio Aripuanã, entre as cidades de Juína (MT) e Vilhena (RO). Ela faz parte de um programa energético do estado que prevê a construção de 12 miniusinas, a maioria delas ao norte, com tecnologia e capital franceses. Os recursos foram conseguidos, no governo passado, com a intermediação do então candidato ao senado, Roberto de Oliveira Campos.

Dois dessas miniusinas, como esclarece o CDTI, vão fornecer energia elétrica até para dez cidades e serão construídas dentro de território indígena: Aripuanã e Apiacas. Meses atrás, os índios apiacas fizeram chegar às autoridades, através da imprensa, seus protestos contra a construção da usina hidrelétrica em sua área.

Agora, prossegue o CDTI, são os índios Cinta-Larga que estão sendo molestados por trabalhadores de uma empreiteira, encarregada da construção da hidrelétrica, no rio Aripuanã. Recentemente um membro da equipe da Pastoral Indigenista

da diocese de Rondônia (Ji-paraná) e mais três índios da área de Aripuanã, estiveram em Serra Morena, constatando um estado de apreensão entre os Cinta-Larga daquele posto indígena. Eis o relato da visita:

"A situação em Serra Morena está bastante tensa, pois uma parte da área foi invadida por uma construtora - Mape - subsidiária da Constran (um de seus diretores confirmou a execução da obra, mas negou existência de conflito e quanto à Cemat, seu diretores não foram localizados com o objetivo de construir uma usina hidrelétrica no rio Aripuanã. Esta obra é de responsabilidade da Cemat. Os índios, após constatarem que a usina se encontrava dentro da reserva, ficaram bastante zangados e decidiram expulsar os trabalhadores da construção. Porém, foram acalmados com farta distribuição de alimentos.

"Essa forma fácil de arrumar o que comer, fez com que uns vinte índios, na maioria mulheres e crianças, viessem morar nas proximidades da construção. Esse contato indiscriminado, como não poderia deixar de ser, é bastante prejudicial aos índios pois além das doenças - quando chegamos, notamos bastante índios gripados - há casos de abusos sexuais por parte dos peões para com as índias.

"O líder dos Cinta-Larga de Serra Morena, Lamplão, esteve no canteiro de obras da Mape e ficou muito irritado quando, por ter passado a hora do almoço negaram-lhe comida e por tomar conhecimento de que um dos fiscais da gerenciadora estava abusando de uma filha de seu irmão, Nerap. A menina tem entre 8 e 9 anos. Lamplão, muito nervoso, resolveu ir embora. Informou, porém, que voltaria para matar o pessoal da usina. Opânico foi geral. Os peões queriam ir embora, colocando em risco a continuidade da obra. E "na tentativa de apaziguar os ânimos e assim, possi-

bilitar a continuidade do serviço, o engenheiro residente foi até a maloca de Nerap, distante 15 quilômetros da usina, para encontrar Lamplão, tentando, com isso, resolver os mal-entendidos", apesar do aparente apaziguamento, percebe-se que o conflito foi apenas adiado, pois os índios não aceitam a construção da usina em suas terras.

"No momento, os índios estão "aceitando" a presença dos trabalhadores em suas terras, pois pensam estar conseguindo, através de pressões e pela presença constante de grande número de índios acampados lá - direcionar os contatos em seu benefício. No entanto, quando as exigências não forem atendidas, em outras palavras, negaram-lhes alimentos ou outros pedidos, o conflito será inevitável. Os trabalhos correm normalmente, pois os índios se beneficiaram de farta distribuição de alimentos, além da promessa de que terão uma estrada aberta pela construtora até o posto de Serra Morena. A palavra dos Cinta Larga é um pouco incisiva: se a promessa não for cumprida, farão uma barreira na estrada e matarão quem tentar ultrapassá-la.

"Atualmente, os conflitos voltam a se agravar, pois passado já algum tempo, os Cinta-Larga já não estão acreditando nas promessas e insistem na retirada dos trabalhadores de sua área e a consequente paralisação da obra. Mais grave é que a Funai esta sendo usada por órgãos sem competência na área (Cemat e Ministério das Minas e Energia que aprovou o projeto energético, do estado sem consultar a população envolvida), para conter as mais diversas formas de resistência dos índios. Para tanto, designou funcionários que permanecem na área com a finalidade de dissolver qualquer manifestação concreta contra a construção da usina, e, assim, assegurar a continuidade da obra".

Cinta Larga: vítima de um massacre

Os primeiros contatos amistosos dos Cinta-larga com a sociedade e, como mostra o CDTI, em farta documentação, deram-se com as frentes pioneiras extrativistas que avançaram sobre o seu território, em busca de matas ricas em seringueiras. Este contato mostrou-se, num primeiro momento, desastroso para os Cinta-larga. No início da década de 70, a Funai estimulava sua população num total aproximado de 5 mil indivíduos, tendo em vista o número de malocas localizadas através de levantamentos aéreos de toda a região. Hoje os Cinta-larga estão reduzidos a menos de mil.

Sendo um grupo de valentes guerreiros em expansão, que freqüentemente enfrentava outros povos indígenas (Suruí, Nambikuara, Saluman, Arara, Canoieiros e outros), os Cinta-larga reagiram à invasão ao seu território, desenvolvendo uma guerra prolongada em diversas frentes. Merecem atenção também as campanhas "limpeza de área", promovidas por seringalistas. Ficou tristemente famoso "o massacre do paralelo 11", cometido pela firma Arruda Junqueira, entre os anos 50 e 60, quando foi eliminada a quase totalidade das malocas Cinta-larga, entre os rios Jurema e Aripuanã. Até hoje seus mandantes continuam impunes.

Além dos massacres sucessivos, outras causas contribuíram para o etnocídio dos Cinta-larga, com doenças, principalmente a gripe, trazidas pelas frentes de atração e pela população regional, que foram avançando sobre seu território tribal. Para citar apenas um

exemplo: os Cinta-larga, que saíram na vila Aripuanã em 1974, contraíram uma gripe e logo na segunda visita à vila, em meados daquele ano, como consequência, nos dois anos seguintes as epidemias de gripe foram responsáveis pela morte de 50% deste povo.

Tanto nos postos indígenas, atendidos pela Funai ou sob responsabilidade da administração do parque, quanto sua área indígena de Aripuanã, atendida pela OPAN (Operação Anchieta), a problemática de saúde é muito grave. A situação na área indígena de Aripuanã é agravada ainda pela presença constante de garimpeiros em outras frentes de invasores, como é o caso dos trabalhadores na usina.

As novas doenças - gripe, pneumonia e a malária, doença endêmica da região - são as principais causas dos óbitos ocorridos atualmente. A taxa de mortalidade infantil é impressionante, impossibilitando a própria reprodução biológica do grupo, isto é, o número de crianças que ultrapassa faixa etária, dos dois anos de idade mostra-se inferior ao número de óbitos totais verificados.

O fascínio que os bens da civilização (ferramentas, grupos, lanterna, açúcar etc. e claro, o remédio) vem exercendo sobre os Cinta-larga, é um dos motivos que levam aqueles índios fazerem freqüentes "passeios" e "visitas aos garimpos e fazendas, e, agora o acampamento da construtora, como relata o CDTI.

Uma dessas "visitas" que ficou particularmente conhecida foi a chamada "pacificação" realizada pelos Cinta-largas, muito bem documentada na reportagem

"O índio pacifica o branco", do ex-correspondente do jornal o "O Estado de S. Paulo" e de "Veja" em Mato Grosso, Mário Chimano Vitch e confirmada por depoimentos dos moradores de Aripuanã, entre os quais o ex-prefeito Sebastião Ottoni e os próprios índios.

Em outubro, lembra o CDTI, três índios deixaram presentes para uma equipe de botânica do Inpa (Instituto de Pesquisas da Amazônia) que realizava trabalhos na margem esquerda do rio Aripuanã, próximo ao Salto das Andorinhas. No dia 11 de janeiro do ano seguinte, 69 índios, entre guerreiros, mulheres e crianças, entram na vila de Aripuanã, distribuindo colares, cocares e outros enfeites aos moradores que iam encontrando pelo caminho, tentando, desta forma, estabelecer relações de amizade com os "civilizados". Consequências: epidemias e surtos de doenças, gerando nova mortandade.

Dez anos depois do gesto amistoso dos Cinta-larga, a situação piorou. Novos massacres ocorreram. O último deles, em 1982, quando 12 índios desapareceram misteriosamente, sem que a Funai tomasse qualquer providência. As doenças, da mesma forma, continuam grassando e fazendo novas vítimas. As invasões por parte de garimpeiros são constantes e provocam apreensões entre os índios, que vêem seu território invadido.

A presença dos trabalhadores da usina no rio Aripuanã, é mais uma agressão, não apenas ao seu território, mas aos costumes e à cultura de um povo que resiste há trinta anos aos massacres, às invasões das chamadas frentes pioneiras.